



A LINGUAGEM DOS VAGABUNDOS: O sinal de que é inútil insistir pela esmola — (Cliché Dellius)

N.º 304 Lisboa, 18 de Dezembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno. 48800—Semestre. 28400—Trimestre. 18200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



Impondo-se pelos seus benéficos efeitos e maravilhosos resultados, dominam o mundo os

## Comprimidos "Bayer" de Aspirina

provadamente eficazes nas:

**DORES DE CABEÇA E DE DENTES, INFLUENZA, CONSTIPAÇÕES, RHEUMATISMO, ETC.**

Como garantia de pureza exigir sempre o tubo original marcado com a



**CRUZ DE BAYER**

# O METROPOLITANO DE PARIS

Isto não é dizer mal da democracia (de tal Deus me defenda!) Mas não ha velho parisiense que não lembre o aspeto de extrema elegancia que oferecia a grande capital antes da catastrophe de 70, no pleno esplendor mundano do segundo imperio.

Era no tempo em que a estetica tinha sua influencia nos meios de locomoção, em que o conforto dos automoveis não supria ainda o luxo das equipagens suntuosas que bem iam nas aleas aristocraticas do *Bois*. Era no tempo em que fazer os *boulevards* representava qualquer coisa de menos grave que uma aventura temeraria, em que, como hoje acontece, o transeunte joga a vida mil vezes, no espaço d'um *après-midi*.

N'esse tempo, tempo que não volta (porque jámais pára essa maquina destruidora de belas coisas que se chama o progresso) a vida era menos cara e vivia-se mais devagar. Depois, veio a febre da velocidade; para os ricos apareceram as horriveis *limousines*, comodas como um leito de serralho e grandes como um armazem; para os remediados vieram os *taxi-autos*; para os outros inventou-se o *mé- tro*.



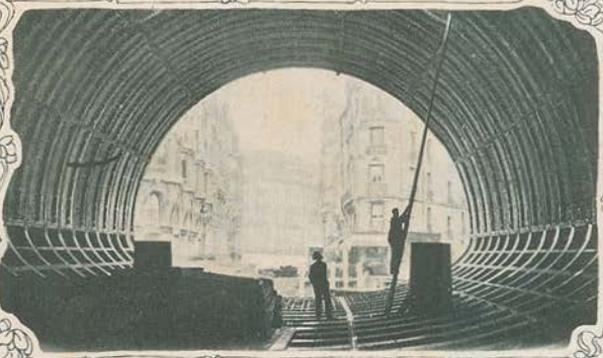
1—Uma das saídas do Metropolitano

pequena parte dos percursos passam sobre viadutos, á clara luz do sol, esse caminho de ferro já hoje liga, n'uma rede estreita e bem lançada, todos os bairros da cidade. Passa por baixo das ruas, das avenidas e do proprio Sena, tem estações de tres andares, onde outras tantas linhas se cruzam sobrepostas, admite liberalidades de lotação, que a certas horas do dia, nos permitem a sensação do esmagamento, e suprime todas as coisas agradaveis que d'antes se citavam como constituindo o lado bom do viajar: a paisagem é um muro, os horizontes trevas, as coisas novas que conhecemos em trajetos mais ou menos longos, aquelas que nos possa contar o jornal que vamos lendo, em sobressalto, no



2—No *mé- tro*, á saída da Opera  
3—A construção do Metropolitano:  
A armação de ferro  
da estação da praça Saint-Michel  
antes da sua descida  
ao sub-solo

O *mé- tro* (como se diz na apressada linguagem parisiense) é o caminho de ferro subterraneo de Paris. Por meio de linhas que só em



receio de perder o meio minuto que nos dão para sair n'uma das muitas estações onde, para se transportar d'um ponto a outro, a gente tem sempre de mudar.

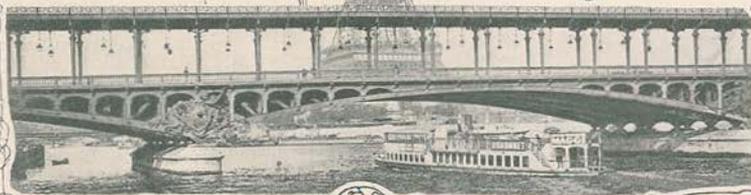
Mas é veloz e barato, o que, n'uma vida apressada e cara, representa evidentemente um bom pedaço d'ideal.

O metropolitano tem 1.º e 2.º classe,—porque não ha carripana publica que as não tenha, n'esta terra de fraternidade e de egualdade. A segunda custa 15 centimos, seja qual fôr o percurso; a primeira 25, nas mesmas condições. E, alegando uma serie de razões tendentes a ocultar a verdadeira que, sem grande custo se adivinha—porque não ha melhor para uma pressa... porque, de verão, é fresco como um sorvete... porque, de inverno é quente como um *grog*... —até essas primeiras classes a burguezia mais presunço-



1—A estação subterranea do «Temple»

sa se foi indo, com lucro evidente d'um orçamento que em cada dia precisa ser mais apertado. *Tant bien que mal*, o *métro* adquiriu mesmo certos loros de elegancia. No *Salon* d'um d'estes ultimos anos, um pintor parisiense não hesitou em fixar o aspeto *chic* da estação da Opera á hora em que o espetaculo termina. É certo que, vendo esse quadro e consultando as tarifas dos meios de trans-



2—O viaduto de Passy  
3—A passagem do viaduto de Passy



porte parisienses, a gente pergunta a si proprio se aquelas elegantes pessoas que lá figuram, tendo pago a 10 ou 20 francos pelo menos os seus logares no espetaculo não ficariam com mais duas ou tres d'essas modestissimas moedas, para se fazerem conduzir d'uma ponta á outra de Paris. Mas isso



1—Uma estação do Metropolitano  
2—O viaduto do «boulevard  
de la Vilette

entra nos domínios da lógica, o que quer dizer que foge a sete pés dos da verdade.

Evidentemente, (pois que se trata d'uma criação bem do nosso tempo) no *métro* exercem-se várias artes e indústrias: como seja a indústria do roubo e a arte, tão subtil e moderna, do *flirt*, que os latinos traduzem sempre carregando a nota do original inglês. Ha pouco tempo ainda, contaram os jornaes este episodio curioso que respetivamente exemplifica e denuncia a industria e a arte em que falei:

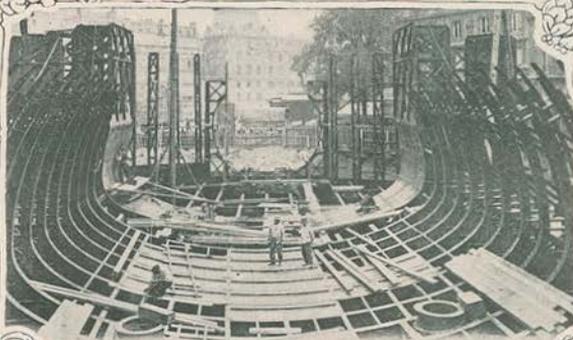
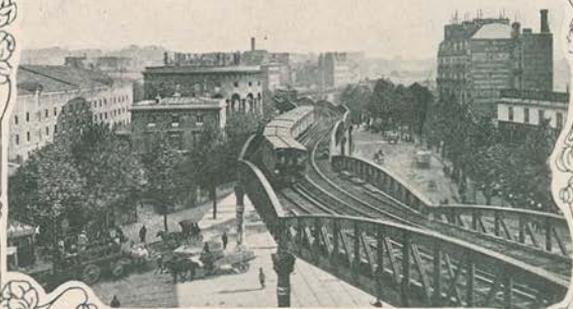
Era á hora de começarem os teatros; uma das horas de enchente no *métro*. Certa atrizita modesta d'um *music-hall* qualquer tomou logar n'uma segunda, onde, como sempre não havia espaço vasio nos bancos e, a pé, cada pessoa dispunha d'um maximo de vinte centímetros quadrados. Feito o seu trajeto, a peque-

na saiu e deu pela falta do *porte-monnaie* e dos 10 francos que lá estavam dentro.

Correu a queixar-se ao commissario:

—*Mademoiselle*—perguntou o inspetor— não deu fé de ninguém que se aproximasse de maneira a poder assim subtrair o seu dinheiro?

—Efetivamente—respondeu

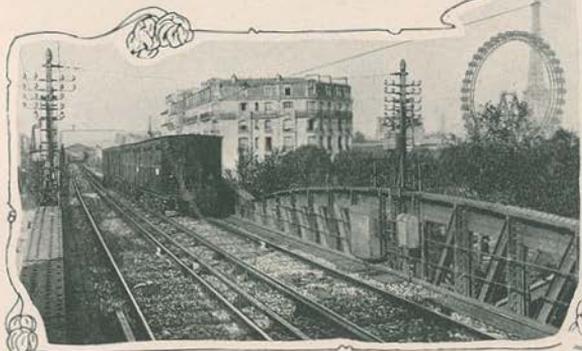


3—Um aspecto dos trabalhos de construção do Metropolitano  
4—O Metropolitano em Lowendal

lacrimosa — eu senti que alguém assim como que me beliscava. Mas, *monsieur*, no *métro*... eu não pensei que fosse para me roubar...

Paris, dezembro de 1911.

P. O.



# A INCURSÃO DO PALADINO

NARRATIVA  
COORDENADA POR  
JORGED'ABREU



grupo, sempre esperanças de o vêr repetir a cêna de Vinhaes em qualquer ponto do concelho de Chaves. A sua disposição tactica, n'esse momento, era de molde a liquidar facilmente a aventura. Crêmos que foi a primeira vez, depois da incursão, que se preparou habilmente as tropas do lado de cá da fronteira para receberem condignamente os conspiradores. Formavam então como que um semi-circulo, cujas extremidades se fechariam na retaguarda do

1—O quartel general em Sapião; resguardando-se da chuva  
2—No fôrez. O sr. Jorge d'Abreu com o dr. Azevedo e o presidente da camara d'Amares

(Continuado do numero anterior)

A columna de infantaria 24 desceu do Pinheiro Velho até Edral, na esperança de se deffrontar em Sandim com os conspiradores, mas estes, talvez por terem recebido informação minuciosa dos movimentos das forças republicanas — contavam em Portugal excellentes espões — tornaram a afastar-se da linha da fronteira e foram acampar em Terroso, nas faldas da serra de S Vicente. No dia immediato, um grupo numeroso saiu de Terroso para Arsadegos e Vilarelho de Cotas e foi marchando em frente da raia de Chaves até Tamaguellos — insignificante aldeola no caminho d'aquella vila a Verin. As forças republicanas, entretanto, avançaram paralelamente a esse



obstar a qualquer diversão, postou-se em Vinhas; outra, a do tenente Cerqueira, dividiu-se em duas frações, ficando a primeira em Vale Paço e a segunda em Curopos. Mas, para alcançar essa probabilidade de combater o inimigo, quantas conferências, quantos telegramas, quantas *demarches* não teve de suportar o comandante em chefe da mesma coluna?... Ao pitoresco *bluff* dos realistas que continuavam a exportar para Traz-os-Montes as mais fantasiosas informações sobre a composição e o armamento dos seus grupos, correspondiam frequentemente a indecisão e um pouco de pânico.

Vimol-o, a esse pânico, n'uma melancolica noite de Bragança, quasi provocar mortifera fuzilaria. Um burro, pacato e silencioso, permitiu-se atravessar um posto de vigilância proximo da *gare*, sem responder á intimação da sentinela. Esta confundiu o



1—O sr. Ivo Ribeiro delegado do governo civil de Braga no Gerez e o sargento comandante do posto fiscal  
2—A raia de Hespanha: vista tirada da Portela do Homem



3—O posto fiscal da Portela do Homem

bando inimigo, caso ele tentasse internar-se no paiz.

Em certa altura, a coluna de marinha entrou de colaborar no cerco, ou melhor, na caçada aos realistas. Uma das companhias, a do tenente Amaral, para

burro com um conspirador, atraz do burro julgou vêr uma legião inteira de inimigos rastejando nas sombras da noite e deu o alarme disparando um tiro. O burro assustou-se, encabriu-se e saltou um muro, fugindo para um campo cultivado. A sentinela continuou a disparar, os outros soldados que lhe acudiram fizeram egualmente fogo e d'aí a pouco, (dentro de Bragança, voluntarios e tropas

regulares aprestavam-se lestamente a impedir o suposto assalto dos couceiristas. De todos os lados surdium vivas á Liberdade e á Republica, desferidos em correrias inuteis, como n'um arranco supremo—mas platonico arranco—de afirmação patriótica. A desorientação era de tal ordem que ninguem refletiu em que os conspiradores se en-



contravam áquela hora muito distanciados de Bragança e que só por milagre da navegação aerea podiam ter transposto em minutos algumas dezenas de kilometros...

Voltando á marcha das tropas republicanas ao longo da raia: percebendo-se que Paiva Couceiro arrastava os seus homens, deixando-lhes antever o projeto d'uma investida sobre Chaves, concentrou-se n'esta vila um bom nucleo de elementos militares, acrescido de lanceiros 2 e caçadores 5 e esperou-se que o inimigo efetivasse a ameaça. Ao cabo de dois dias, porém, durante os quaes Paiva Couceiro e o seu estado-maior foram vistos em pequenas aldeias proximas de Verin. Os realistas passaram entre as duas Feces e encaminharam-se decididamente sobre Bouzés e Videferre, onde os aguardava o armamento que de S. Vicente até lá fôra transportado em mulas pertencentes a um rico proprietario da Galiza. Que significava a marcha n'aquela direção? Primeiramente, a desistência da investida sobre Chaves. Em segundo lugar, 2 intenção de alcançar, nas alturas de Montalegre, certa posição de difficil acesso aos seus perseguidores.

Ainda se esperou mais um dia, para que o inimigo definisse melhor os propositos que o animavam, e logo que ele, saindo de Bouzés e Videferre, continuou a marcha para leste, caçadores 5 e lanceiros 2 enveredaram no mesmo sentido. Esforço baldado... Os realistas não se detiveram em Montalegre mais que o tempo suficiente para repousar das fadigas da viagem e dirigiram-se para a Portela de Requiães, dando mostras de ir acampar nas cercanias do Gerez. Em face d'esta atitude, passou-se, é claro, a considerar iminente a incursão por aquele lado da fronteira e todas as atenções das autoridades militares convergiram sobre a Portela do Homem.

Lá fomos tambem parar, quando Paiva Couceiro e os seus homens já tinham descido dos côtos de Fonte Fria, a S. Paio e Lobios, a quinze kilometros da terra portugueza. A guarnição do Gerez reduzia-se n'essa ocasião a um pequeno destacamento de cavalaria sob o comando do alferes Moura — officia' no-



1—O alferes sr. Moura comandante da força de cavalaria no Gerez.  
2—A caminho de Hespanha



vo, corajoso e de notavel sangue-frio—e á força da guarda fiscal, nucleo egualmente diminuto mas composto de praças devotissimas até ao sacrificio. O delegado do governo na formosa estancia thermal era o sr. Ivo Ri-

beiro que com seu irmão Adelino e o inspetor das matas o sr. Tude de Sousa, haviam constituido, ao primeiro rebate da aproximação dos realistas, um grupo de voluntarios, decididos todos a opôr-lhes á marcha um obstaculo serio. A esse grupo deviam juntar-se no momento oportuno, o deputado sr. Rodrigues de Azevedo, seu irmão o presidente da camara de Amares e um primoroso atirador da região, o sr. Franklin Tavares—tres homens d'uma robustez excepcional, bem treina-dos no piso das serranias, caçadores eméritos e patriotas até á medula.

Acampados os conspiradores nas pro-

quinzena de outubro, á meza do hotel, o deputado sr. Rodrigues de Azevedo assentou a idéa d'um passeio ao acampamento de Paiva Couceiro.

As informações que de lá se recebiam eram deficientes e tornava-se necessario verificar de perto e com minucia a existencia do inimigo. «Pois que ele se não decide a entrar no Gerez, acrescentou o sr. Rodrigues de Azevedo a sorrir, vamos nós *provoca-lo...*» Dito e feito. As onze horas, pouco mais, abalaram a pé em direção á Portela do Homem aquele deputado, seu irmão, o sr. Franklin Tavares e o autor d'estas linhas. Na Portela, onde a guarda fiscal tentou infrutiferamente amedrontar a caravana com o receio de qualquer *partida* dos realistas, juntaram-se-lhe outros companheiros e ao cair da tarde entravamos em Villa Meã,



O caminho da fronteira, passada Albergaria

ximidades do Gerez, o sr. Ivo Ribeiro e o alferes Moura tomaram as necessarias precauções para facilitar o encontro do inimigo—logo que ele tentasse a incursão—com as forças republicanas que guarneciam o respetivo sector. Não nos é permitido pormenorisar o modo extremamente simples como esse encontro se faria nem revelar o plano estrategico delineado n'essa ocasião. Basta que digamos aos leitores da *Ilustração Portuguesa*, que durante quarenta e oito horas se esperou ansiosamente no Gerez a entrada dos realistas e porque em quantos ali se encontravam dispostos a vel-os passar, fremeia o desejo ardente d'uma luta, que invalidasse definitivamente o espantallo de além-fronteiras.

N'uma manhã da segunda

a primeira povoação hespanhola para lá da fronteira do Gerez.

O velho republicano do sitio, que interpelámos sobre os conspiradores, deu-nos a noticia de que se suspeitava da sua retirada para o norte. Era preciso sabe-lo com exatidão. Como? Indo a Lobios, distante de Vila Meã uns cinco kilometros. A caravana, com o sr. Rodrigues de Azevedo á frente, não hesitou. O trajeto fez-se rapidamente. No *comercio* de Lobios—centro de cavaco dos raros habitantes da povoação—confirmaram-nos a suspeita do velho republicano. Horas antes d'ali entrarmos, Paiva Couceiro e os seus homens, fingindo submeter-se a uma ordem de dispersão dada por um official da guarda civil, tinham-se afastado em direção a Bande. Foi uma deceção

e... um alívio. Enquanto nos demorámos em Lobios, enfiaram-nos os ouvidos de indicações sobre a verdadeira situação do inimigo. Reduzido a uns quatrocentos homens aptos a manejar armas de fogo, caracterisára-se, desde a aparição no local, pela indisciplina e a falta de recursos de toda a especie. Comiam mal, dormiam peor e brigavam frequentemente uns com os outros por dá cá aquela palha. Isto pelo que dizia respeito aos subalternos e ás praças de pret. Quanto a Paiva Couceiro, esse alojado principescamente na residencia do abade de S. Paio, mostrava-se reservado e taciturno, parecendo em extremo preocupado com a sequencia da aventura...

Voltámos a Vila Meã e d'aqui ao Gerez sob uma chuva torrencial e um vento cortante que não consentiam por muito tempo aceso o minusculo candieiro de

ção do inimigo evidenciando uma coragem digna de registo. E não só os homens; a esposa do comandante da guarda fiscal, quando a convidaram a abandonar a casa de residencia e a incorporar-se n'um grupo de senhoras que no momento oportuno seriam conduzidas a Braga, respondeu serenamente, mas firmemente:

—Fico onde ficar meu marido. Sei manejar uma carabina e utilisal-a-ei contra os conspiradores...

Ao romper da madrugada, o boato de nova incursão foi desmentido e no Gerez renasceu a tranquillidade. Do episodio, restaram apenas á caravana que se arriscára ao *passo* á Galiza, a recordação pouco grata do temporal com que fóra mi-moseada no regresso e a impres-



O posto florestal d'Albergaria d'onde os guardas fiscaes telefonaram para o Gerez na noite de estarem á vista grupos suspeitos

acetylene destinado a alumiar-nos o caminho na serra aspera e tenebrosa. Mas essa luz, embora fraca, bastou a dar ás sentinelas da Portela do Homem, a convicção de que os conspiradores avançavam finalmente em nova tentativa incursionista. «São eles, disseram de si para si; toca a prevenir os postos avançados da cavalaria.» E a noticia chegou á estação thermal como n'um rasilho. Os hospedes foram despertados precipitadamente nos hoteis. As forças militares tomaram posições, os voluntarios civis prepararam-se para a luta e se um ou outro pai-sano sofreu instantes de dolorosa espetativa, a bem conhecida colica do medo, a quasi totalidade dos homens ali reunidos dispoz-se á rece-

ção de que se escapára á sanha dos conspiradores bem podia ter sido chacinada pelos defensores da Republica. Felizmente para ela esses defensores não fizeram uso das Kropatscheks. Retiraram em boa ordem, cingindo-se ás instruções recebidas. Do contrario...

Dias depois, Paiva Couceiro tornou a ocupar a posição de S. Paio, auxiliado pelo exôrço carinhoso do abade e ainda lá se encontra, crêmos nós, espreitando o ensejo de mais uma vez inquietar as populações raianas com as suas ameaças de investida. E assim o fará no decorrer dos tempos, enquanto dispuzer da alta protecção de que actualmente disfruta.

# A LINGUAGEM SECRETA DOS VAGABUNDOS

Os vagabundos tem um instintivo apego uns pelos outros. E' como a afinidade d'uma raça e tanto assim que entre eles uma linguagem misteriosa indica o partido que podem tirar dos lugares por onde passam e dos sitios onde acampam. As proprias creanças das ruas, os pequeninos mendigos, tem uma fôrma, menos maçônica é certo, mas de auxilio uns para com os outros. Experimentem á porta d'um café, na rua, mesmo em casa, dar uma esmola. E' certo que os pobres, industriados uns pelos outros, lá vão cair. Conhecer uma generosidade é tirar partido d'ela.

A linguagem misteriosa dos ciganos é, todavia, ainda mais completa, por menos visíveis serem os seus caracteres, do que o usado pelos vinte mil vagabundos que percorrem os caminhos de França.

O bando cigano acampa n'um lugar desatrela as bestas, arma a barraca, manda



1—Aqui moram mulheres sensíveis, a quem convem contar uma historia comovente 2—Aqui mora um representante da autoridade

os pequenitos meio nús pelos arredores, para outro lado as mulheres. Em cada um d'elles vae um espião. Tirase do povoado o maior proveito e quando ali já não ha mais nada a fazer, na hora da partida, não deixam

de registrar as suas impressões d'uma fôrma original e só compreensivel para o bando da sua raça que se lhe seguir no pouso.

Os outros chegam e, por vezes, quando as novas são más, largam imediatamente. Seria curioso lèr nos olhos dos iniciados as suas impressões. Diante d'um arbusto cortado de tal maneira, perante una pedra de tal fôrma voltada, porque estão uns seixos postos de travez ou porque a fornalha tem um calhau bécudo, eles sabem o que se



la muriar, evocar lembranças saudosas, histórias de fortunas desaparecidas e que fizeram d'ele um desditoso; outras que n'aquela casa algum muito caridoso dá sempre um pouco de pão e algum dinheiro, e, também,

quando na habitação reside um representante da autoridade ou quando um feroz cão de fila é largado em perseguição dos va-

□ ○ ##



### ΔΔΔ U

1—Aqui dá-se de comer  
2—Atenção! Há aqui um cão feroz  
e um homem enfurecido

passa: se a aldeia é rica e a gente caridosa, se estão mal dispostos contra os ciganos e ali se cometeu algum roubo, sabendo, também, por um especial detalhe, qual a tribo que passou e de quantas pessoas se compunha.

Por isso se deve notar que os ciganos mal chegam a um lugar logo se instalam, desde o primeiro dia, para pouco ou muito tempo. Os sinais misteriosos ali deixados pelos que os precederam, decidem da sua sorte.

Isto é mais completo, por mais oculto, de que os sinais dos vagabundos francezes que, com a ponta das suas navalhas, marcam nas portas das casas ou nas paredes o que se passa nos sítios que atravessam.

Umaz vezes os que veem atraz d'elles ficam sabendo que é necessario



gabundos. Outras indicações resaem dos seus hieroglíficos, como por exemplo a impressão dos habitantes do paiz, os roubos cometidos de fresco, os pontos onde se póde ameaçar a pessoa a quem se pede, as casas onde moram mulheres sósinhas ou onde ha um homem brutal capaz de os molestar. Nada lhes esquece, desde o sitio onde é necessario ser revolucionario até áquele onde só se póde viver fazendo grande profissão de crenças religiosas.



1—Aqui dá-se dinheiro...  
2 e 3—Taboas dos sinais  
4—Cuidado com a cadeia!

VMMWOOV

10 W W W

11 [ ]

12 O O O

13 [ ]

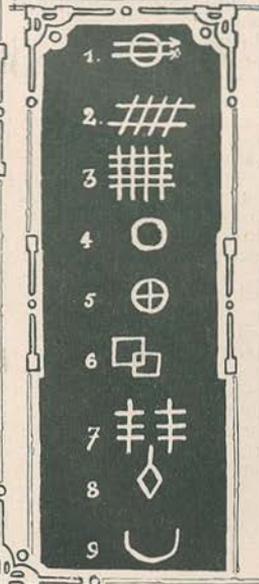
14 Δ Δ Δ

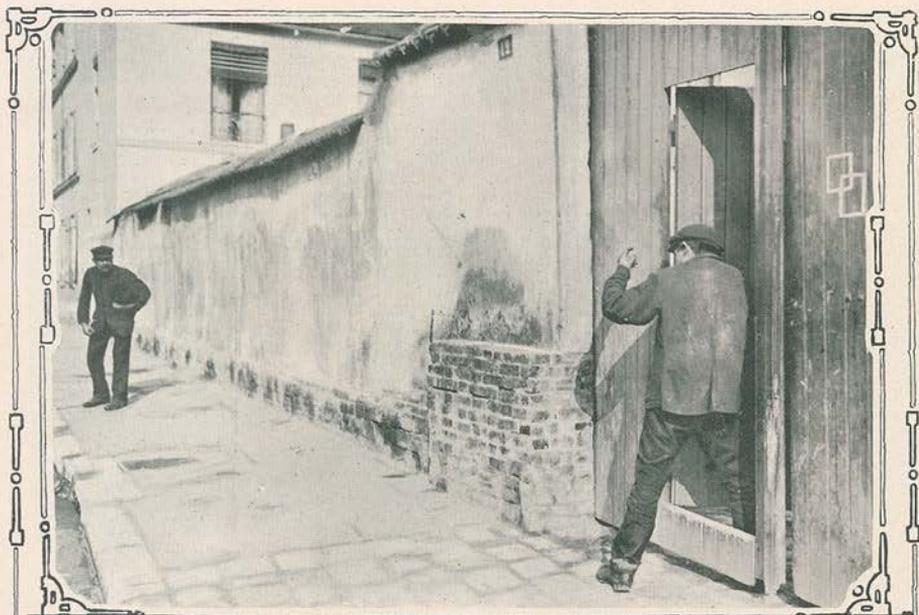
15 V Δ Δ Δ

16 V

17 O O

18 +





1—Não ter receio de insistir...  
 (os sinais à esquerda  
 significam: dê-se comida e dinheiro)  
 2—Inutil insistir!

D'esta maneira os vagabundos que percorrem a França e entre os quaes ha muitos estrangeiros, trocam as suas impressões. E' uma maçonaria que faz carreira, mas como todas as coisas secretas reveladas acaba de perder o seu interesse pelo menos para... os interessados.

Mas, naturalmente, desde que a policia tem em seu poder a chave do abecedario, eles o mudarão para poderem continuar a sua vida errante atravez do paiz sem trabalhar e fazendo para pouco sofrer.

Desde o fundo dos seculos que estas classes nomadas se entendem entre si, formando uma instintiva associaçãode solidariedade como a proclamarem misteriosamente uma defeza coletiva.

C. J.

(Clichés Deltus)

• P A G I N A S • D E • H I S T O R I A •  
 • C O M O • E U • V I • A • I N C U R S ã O •



Os carros de munições da coluna do 2.º salndo de Salgueiro a caminho de Pinheiro Velho

(Continuação)

**Os feridos—O capitão Andrade**

Estamos de novo na posição da Corujeira. O aspirante Saldanha pergunta-me:

—Então, um combate terrível?

—Aonde?

—Em Cazares?

—Ah! sim...

Os soldados olham atentamente para cima, para a Cidadelha. Um sargento puxa-me pelo casaco e aconselha-me a que não me exponha.

—Que ha?

—Além...

—Além o que? Pois se nós vimos do Alto da Corôa?

O capitão Andrade assesta o binoculo e garante que são vultos suspeitos. Peço-lhe o binoculo. E' um carro de boi; e são duas cabras atrás, derrinchando pacificamente, conforme vão andando, as galhas tenras.

Descemos á vila. Visitamos o tenente Quaresma e o tenente Pereira. O tenente Quaresma, cujo ferimento não é grave, conversa alegremente.

—Enfim, meus amigos, não quero ser heroe, mas cumprí o meu dever.

O tenente Pereira está um pouco abatido. O ferimento oferece uma certa gravidade. Talvez fique sem o braço. A sua pera negra, destacando da alvura do lençol, lembra-me qualquer coisa de berbére.

A' noite, cobertores ás costas, e ála para a Corujeira. Chove se Deus a dá. Os soldados, que estiveram todo o dia sem comer, terão de passar a noite sem dormir. A uns cem metros da posição alguns castanheiros balouçam-se.

—Meu capitão, nós vamos para ali.

Os soldados amontoavam-se, deitados, aos cantos da posição. Apertados uns contra os outros, conservavam enxuta a parte do corpo que protegiam contra os corpos dos visinhos. Quando o resto do corpo arrefecia de mais e o capote ensopeado já não guardava da chuva, voltavam-se e lá iam enxugando ao contato quente dos camaradas. Era a esta gente, a estes soldados de Traz-os-Montes, chamuscados do sol e da nortada, que Napoleão chamava os negritos portuguezes e a quem confiava em Austerlitz e em toda a campanha (a Russia os pontos de mais perigo).

Ah! se o capitão Andrade tivesse tido um pouco mais de coragem e de serenidade... Eu nego-me a acreditar que este official estivesse feito com os paivantes e não faço caso algum, vamos lá, do que se diz a tal respeito. Mas se esse official a tivesse tido uma vez na sua vida, Paiva Couceiro teria ficado definitivamente esmagado,—morto ou prisioneiro. Com esses soldados, como dizia Napoleão, vai-se até Constantinopla. O capitão Andrade só foi... abaixo de Rebordelo.

Soube então que este official abandonára ao inimigo, sem se saber porque, 3 cunhetes d'infantaria (2:100 cartuchos) e 1 da guarda fiscal (1:000 cartuchos). Soube então dos termos e das circumstancias da conferencia com o parlamentar, o tenente Sobral Figueira. Soube que a retirada, embora não houvesse sido desordenada, não fora realisada conforme o regulamento de campanha e conforme a mais elemental intelligencia impunha —por escalões e mantendo sempre o contato com o inimigo.

Uma amargura infinita me invadiu. Não havia de ser com taes officiaes que a Patria e a Republica se defenderiam...

E este homem esteve para ser uma figura do-

minadora de vencedor, acaso já preparando-se talvez para apresentar a sua candidatura... a presidente de conselho, a presidente da Republica e a um lugar no Panteon dos Jeronimos...

Ah! bom velhote, quem me dera o teu sorriso...

VI

#### A marcha da columna mixta

Por toda a vila ha um ruido de acampamento que se levanta. O 24 fórma junto do convento. Eu fico pertencendo á guarda avançada. Emfim—para a frente! Chove. As botas escorregam na estrada lamacenta. Os guias, guardas fiscaes, de mantas ao hombro, batem as encostas. A flecha, constituída pela força do 14, sob o comando do tenente Cruz, marcha admiravelmente. O 24 é o mesmo magnifico batalhão, cuja paixão republicana e cuja forte disciplina eu tivera occasião de notar no serviço dos postos avançados em Chaves.

Chove. Chegamos empapados de suor e de chuva a Salgueiros. Os paivantes estavam em Pinheiro Velho.

—Se estão em Pinheiro Velho porque não marchamos?

—São precisas metralhadoras...

—Ah! sim...

No dia 8 ficamos ainda em Salgueiros. Não ha pão, não ha carne, não ha vinho, não ha lume. Falta absolutamente tudo. Aparece Benoiel e alguns jornalistas. Chegam as metralhadoras, sob o comando do aspirante Carrilho, do 18.

Emfim, para a frente!

No dia 9 marchamos para Pinheiro Velho. Na vespera, á noite, já se sabia que os paivantes tinham abalado e estavam na Esculquera, Galiza. Quando chegamos a Pinheiro Velho, já Paiva Couceiro tinha saído da Esculquera em direção a Terroso e Vilar de Bós.

Eu, os voluntarios de Chaves e o cabo Quaresma, no dia 10, deixamos a columna mixta do major Peres e atirámo-nos para a frente, pela linha da fronteira, até Chaves.

VII

#### O que foi a campanha?

Os soldados chamaram a esta campanha—a campanha do espera galego. Um official do 24 chamou-lhe—a campanha do medo e do amor. Outros chamaram-lhe—a campanha da fome.

Tem um pouco d'isso tudo.

Mas eu chamo-lhe a campanha da inepecia. Sera difficil conceber maior inepecia do que aquela de que deram mostras o governo e os comandos competentes? O medo, que se apossou do governo, de que o norte se levantaria, faz-me rir. Já não com esse riso bondoso e levemente picaro do velhote que ia a cavallo no burro, mas com esse riso doloroso e levemente sarcástico de quem vê no governo gente sem fé e sem o indispensavel conhecimento do paiz.

E as marchas e contra-marchas das nossas tropas, ordenadas não se sabe por quem, com o fim de baterem meia duzia de centenas de labregos mal armados, faz-me envergonhar um pouco da situação e de mim mesmo. Como foi possível que tudo perdesse o juizo a tal ponto, que essas centenas de labregos merecesse mas honras d'um exercito? Como é que Canalejas, que é informado minuciosamente de tudo, se não ha de ter rido?

Das unicas conclusões consoladoras ha a tirar d'essa campanha: que o exercito é apaixonadamente republicano, e que o espirito patriótico é ainda, e será sempre, no norte a melhor guarda dos caminhos da Patria, indissolvelmente ligada á Republica. Oxalá que as experiencias nos tragam alguma lição proveitosa e que, se essa malta novamente entrar, com D. Jaime ou sem D. Jaime, haja a sufficiente serenidade para não alarmar o paiz e a sufficiente audacia para saber acabar de vez com essa banditagem. De vez.

VIII

#### Nova campanha?

Filhas de Bragança, judias de nariz retilíneo e madeixas pretas, de colo alto como o Libano e seios doces como a vinha, perfumae os dedos de mirra e ide buscar flores para desfolhardes novamente sobre o capacete glorioso do capitão Andrade. Enchei de insenso a vossa casa, filhas de Israel, que os jovens turcos e a carbonaria, tudo o que ha de heroico e forte na raça portugueza, só esperam o sinal misterioso para marcharem ao combate, mandarem parar o sol, passarem pelo fio da espada o ultimo inimigo, e lançarem-se a vossos pés, cobertos de poeira, ebrios de gloria, supplicando a esmola d'um vosso olhar bemdito...

Bemdito seja o Deus dos exercitos!

E bemdita seja... uma pontinha de juizo.

(Clichés de Benoiel)

ANTONIO GRANJO.

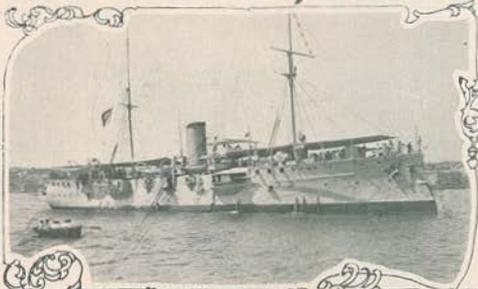


As metralhadoras da coluna em Salgueiros a caminho da fronteira

# O "S. GABRIEL" A CAMINHO DOS AÇORES...

O cruzador *S. Gabriel* partiu para os Açores em 9 de dezembro sob o comando do capitão-tenente sr. José Carlos da Maia levando como imediato outro capitão-tenente o sr. Mendes Cabeçadas. O ministro da marinha foi a bordo despedir-se dos officiaes fazendo uma allocução á guarnição.

1—O «S. Gabriel» 2—O sr. ministro da Marinha acompanhado do comandante do «S. Gabriel» sr. capitão-tenente Carlos da Maia, passando revista á guarnição 3—A officialidade do «S. Gabriel» 4—O sr. ministro da Marinha com o comandante e imediato do navio—(Clichés de Benelli)



# Figuras e Factos



O sr. Presidente da Republica, na visita que fez ao museu Alfredo Keil

**O Museu Keil**—O taiecido Alfredo Keil o musico illustre, autor da *Portuguezia*, organisára em sua casa um museu de raridades entre as quaes se destaca uma preciosa coleção de instrumentos musicos. Foi esse museu que o chefe do Estado visitou em 9 de dezembro interessando-se por aquelas preciosidades e declarando ir interceder junto do governo para serem adquiridas pelo Estado, a fim de não saírem do paiz visto terem alguns americanos oferecido por elas 20 contos de reis.

**Cantina de S. José.**— Em 10 de dezembro foi inaugurada esta cantina escolar com a assistencia do sr. dr. Eusebio Leão, falando além d'ele o senador sr. Abel Botelho e os deputados srs. Brito Camacho e Carlos Amaro acerca da proteção a dispensar á infancia necessitada. Foi por fim servido um lunch a 135 pequenitos.



1—A nova Cantina escolar da freguezia de S. José  
2—As creanças da Cantina na rua de S. José

Os caixeiros viajantes da praça de Lisboa são de ha muito dedicados republicanos e as suas simpatias, dentro d'esta politica, são para o sr. dr. Afonso Costa. Comemorando as melhoras do ministro da justiça do governo provisorio, uma comissão d'aquella classe deliberou realizar uma festa no teatro da Republica, que se realizou em 10 de dezembro com uma numerosa assistencia e á qual presidiu o sr. dr. Bernardino Machado. Não quiseram, porém, que essa comemoração se marcasse apenas pelos discursos dos amigos politicos do sr. dr. Afonso Costa, como o sr. capitão Afonso Pala, Carlos Olavo, Alfredo de Magalhães e França Borges, que enalteceram as qualidades de estadista do autor das leis das congregações e do inquilinato.



A festa da Associação dos Caixeiros Viajantes da Praça de Lisboa, no teatro da Republica, em homenagem ao dr. Afonso Costa :  
1—As creanças vestidas pela comissão  
2—A comissão promotora da festa (Clichés de Benolle)

Com aquella sentida manifestação alguma coisa de pratico e de util se devia fazer e deliberou por isso essa comissão vestir cento e sessenta crianças d'ambos os sexos, na mais meritória das obras de caridade.

Colocaram-se no palco os pequenitos, sob um grande retrato do dr. Afonso Costa, e, ali, envergados os trajes que lhes tinham oferecido, ouviram as palavras de elogio, a apoteose do politico que a comissão dos caixeiros viajantes festejava com aquele ato de benemerencia.

A festa acabou ao som da *Portuguezia* e no meio do maior entusiasmo, entoando tambem o orfeon infantil 5 d'outubro, do Campo de Santa Clara, algumas canções.

# • O CINEMATOGRAFO DAS TRINAS •

## • A FITA DRAMATICA DOS CONSPIRADORES •

O tribunal das Trinas foi instituido n'uma sala do antigo convento e destinado ao julgamento dos individuos implicados em conspirações monarchicas. E' um salão vasto, gradeado, nuás as paredes, cheio de bancos onde ha logares para setecentas pessoas. Dentro da teia podem ficar umas cincoenta com o juri, advogados e membros da imprensa. Escadinhas estreitas e carcomidas conduzem a esse andar onde são julgados os conspiradores. Pelas tardes, quando a luz decae, tem um aspeto extranho a sala das audiencias; as figuras esbateem-se, julga-se haver alguma cousa de lugubre no espaço até que se acende o gaz parecendo então chegar uma nova impressão aos jurados, aos membros da imprensa, ás testemunhas e aos réus colocados diante do juiz.



1—Um terrivel conspirador...  
O mendigo Antonio  
Martins, absolvido na audi-  
encia de 5 de dezembro  
2—O juri da audiencia  
do dia 5  
3—O advogado dr. Orlando  
Rego que defendeu o mendi-  
go Antonio Martins

*A primeira audiencia.*  
Foi em 29 de novembro. Respon dia Joaquim Augusto d'Almeida, casado, de 37 anos, empregado do lavrador sr. Paulino da Cunha e Silva, antigo sargento de infantaria 7. Era acusado de ter entregue em Santarem, na casa do capitão de artilharia sr. Franco Frazão uma carta assinada por Pava Couceiro dirigida áquele official e outra para o coronel sr. Mousinho d'Albuquerque, nas quaes pedia a sua colaboração para um movimento contrario á Republica.

N'estes termos fez a accusação o delega-



do do procurador da Republica sr. dr. Pinheiro Mourisca Junior, defende o sr. dr. Arnaldo Monteiro o seu constituinte com a razão de que ignorava o conteúdo d'essas cartas. O réu afirmou que elas lhe tinham sido entregues por um official de artilharia, desconhecido, na estação do Rocio, pedindo-lhe para as fazer chegar ao seu destino, o que realisoou sem a menor desconfiança, ficando profundamente surprehendido e apavorado quando o capitão Franco Frazão lhe increpou o seu procedimento. O juri, reunido, deu como provado por maioria o crime de aliciamento de militares para rebelião e condenou-o em 6 annos de prisão maior celular seguidos de 10 de degredo, ou, na alternativa, de 20 de degredo em possessão de segunda classe e nas custas e selos do processo. Este réu apelou da sentença.

*Segunda audiéncia.*—Realisou-se em 4 de dezembro e o tribunal foi constituido pelo sr. dr. Joaquim Pereira da Mota, sendo delegado do procurador da Republica o sr. dr. Tobin de Sequeira e defensor o sr. dr. Alvaro



- 1—O soldado da guarda fiscal Maximiano de Souza Canavarro, absolvido na audiéncia do dia 4  
 2—O juri da audiéncia do dia 4  
 3—O advogado dr. Alvaro Teixeira defensor de Maximiano de Souza Canavarro

Teixeira. Julgou-se o réu Maximiano Augusto de Sousa Canavarro, soldado da guarda fiscal, accusado de, no hospital de Chaves, ter feito propaganda contraria ao regimen entre os seus camaradas.

Foram lidos depoimentos de tes-



temunhas d'onde se comprovou ter-se apenas travado uma discussão ácêrca de republica e monarchia, sem que da parte do accusado houvesse a intenção d'aliciamento. Condenára, é certo—no dizer da defeza—alguns atos do regimen actual, mas sendo isso uma coisa correntia, um livre direito que todos exercem, não achava ali fundamentos para uma culpa. O juri tambem assim o entendeu e o réu foi absolvido.

*Terceira audiéncia.*—Em 5 de dezembro, com o mesmo juiz e com o delegado do procurador da Republica dr. Mourisca Junior. Defensor, dr. Orlando Rego. O réu Antonio Martins é um mendigo, cego d'um olho, quebrado e sem um braço. Acusam-no de ter aliciado gente para servir nas hostes de Paiva Couceiro, o que não se comprovou, sendo ainda este réu absolvido.

N'esta audiéncia devia tambem responder o cabo da guarda republicana do Porto Abel Santos, accusado de igual crime, mas faltando certas formalidades legais no processo o seu advogado solicitou adiamento.

*Quarta audiência.*—Delegado é o sr. dr. Tobin de Carvalho, defensor o sr. dr. José Duñer, o réu Joaquim Pinto Rodrigues, soldado da guarda republicana do Porto, acusado de ter alistado varios individuos n'um grupo, a fim de tentar restaurar a monarchia Foram lidas no tribunal cartas dirigidas pelo réu a seu paes nas quaes falava do movimento em que tomaria parte. Foi condemnado em 6 anos de prisão maior celular e 10 de degredo em possessão de 2.ª classe, ou, na alternativa, em 20 de degredo e nas custas e selos do processo.

*Quinta audiência.*—O réu era o ex-capitão de artilharia sr. Luiz Augusto Ferreira e seu defensor o sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes. A accusação estava a cargo do sr. dr. Mourisca Junior baseando-se em que o réu tentára aliciar sargentos para marchar com seis baterias da Figueira da Foz para Coimbra. O acusado declarou, que tendo ouvido a alguém haver sargentos monarchicos na sua bateria, lhes falára a vêr quaes as suas opiniões e não no intuito de aliciamento, indo ao tribunal, além d'outros distintos officiaes, o chefe revolucionario capitão Pala e o senador Arantes Pedroso declarar que o sr. Luiz Ferreira era incapaz de faltar á sua palavra d'honra e desde que a dera



2—O Juri da audiência do dia 7

ao ministro da guerra do governo provisório em como não conspiraria, não o julgavam capaz de o ter feito. O delegado, no seu discurso, disse ser necessario que se fizesse justiça tambem aos grandes e não se condenassem apenas os pequenos, o que causou uma manifestação de aplauso do numeroso publico. O



1—O soldado da Guarda Republicana do Porto Joaquim Pinto Rodrigues condemnado a 20 anos de degredo  
3—O advogado dr. Duñer, defensor do soldado Joaquim Pinto Rodrigues



O capitão de artilharia Afonso Pala testemunha de defeza

— O ex-capitão Luiz Augusto Ferreira respondendo ao interrogatorio do Juiz perante o Juri que o condenou

sr. dr. Francisco Joaquim Fernandes verberou aquele procedimento do acusador que ia fazer influir no julgamento e d'esta vez o

— O lente da Universidade de Coimbra, dr. Francisco Joaquim Fernandes, advogado do réu capitão Luiz Ferreira

o juiz não fez a menor advertencia, como é da praxe, quando se julga se excede no interrogatorio das teste-

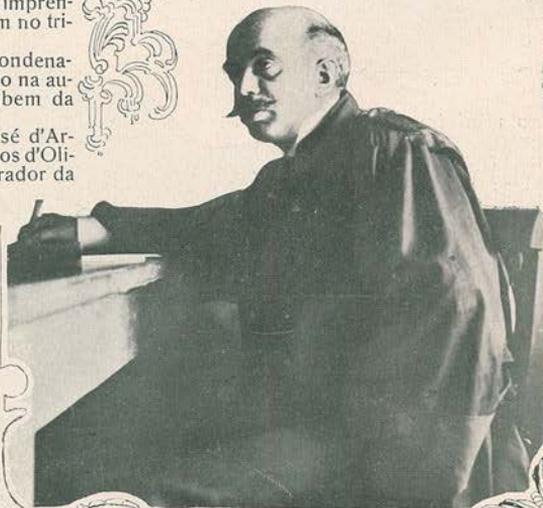


O capitão sr. Alfredo Augusto Oliveira Machado e Costa testemunha

aplausos foi unanime da parte da imprensa e dos advogados que estavam no tribunal para o defensor.

O juri recolheu e o réu foi condenado em pena igual ao do julgado na audiencia anterior, apelando tambem da sentença.

*Sexta audiencia.* — O sr. dr. José d'Arruela defendia o réu Daniel Carlos d'Oliveira, que o delegado do procurador da Republica, dr. Tobin de Carvalho, accusava de ter tentado contra a Republica, espalhando boatos tendenciosos. Habilmente, o sr. dr. Arruela fez o interrogatorio das testemunhas e como insistisse com a chamada Manuel Serra, que dizia tel-o o réu convidado para a contra-revolução, o povo, que enchia o tribunal, manifestou-se ruidosamente contra o advogado a quem





recolheu e trouxe a resposta de não estar provado o delito, sendo o réu absolvido. Como a autoridade dissesse ao sr. dr. José d'Arruela que na rua lhe iam fazer uma manifestação hostil o advogado voltou, depois do oferecimento do juiz para o acompanharem:

«Saírei com a minha toga». E assim saiu com os outros advogados, sem que lhe fizessem a menor manifestação hostil.

1—David Carlos de Oliveira, antigo fiscal da Camara no mercado de S. Bento, absolvido na audiencia do dia 11

munhas. Surpreendido por aquela ruidosa manifestação o sr. dr. José d'Arruela declarou o juri coato e exclamou:

«O povo que me interrompe é o mesmo que apedrejou no Rocio o sr. dr. Antonio José d'Almeida.»

Redobrou então o



2—O juri da audiencia do dia 11  
3—O escrivão do processo, sr. Daniel de Matos e o metrinho sr. Manuel dos Reis (clichê de Benollet).

Setima audiencia.—Acusação a cargo do sr. dr. Mourisca Junior. Defeza pelo sr. dr. Alberto Lima. O réu é o jornalista Ani-



4—A bancada das testemunhas  
5—O sr. dr. José d'Arruela, advogado de defeza

ruido, sendo encerrado o tribunal por duas horas. Quando reabriu, e ouvidas as ultimas testemunhas, o juri





levado em conta o tempo de prisão já sofrida.

A *Ilustração Portuguesa* continuará a registar os documentos fotograficos relativos ao tribunal das Trinas, constituindo assim como que um indice illustrado das suas audiencias, cuja importancia historica não vale sequer a pena encarecer.

1—O réu Anibal Candido Pedro, condenado na audiencia do dia 12  
2—Os jurados do dia 12  
3—O advogado dr. Alberto Lima (cliches de Benoitte)

bal Candido Pedro, de dezoito annos, natural de Mairos, no concelho de Chaves. E' acusado tambem de aliciamento de gente para as hostes de Paiva Couceiro.

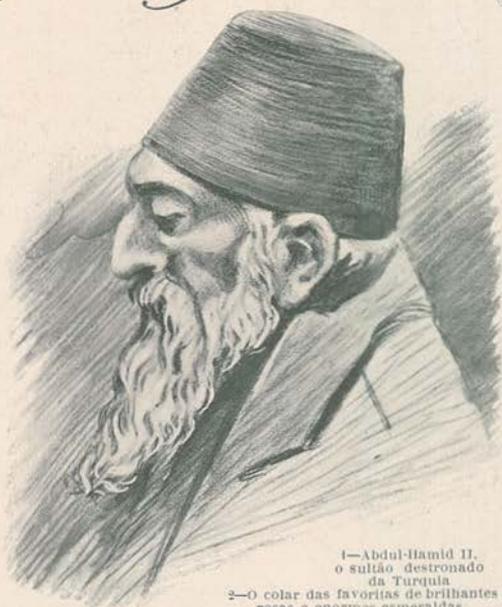
O réu, respondendo ao interrogatorio do juiz, diz que fôra convidado a ir trabalhar para a Galiza e só quando lá chegou ter compreendido o genero de trabalho que d'ele se exigia. Tinha-no alistado nas fileiras realistas. Resolveu então voltar para a sua terra, onde foi preso. Ha testemunhas que afirmam terem sido convidadas por ele a acompanharem-no á Galiza. O delegado diz que, segundo aqueles depoimentos, o réu é manifestamente um aliciador, tendo ido varias vezes além da fronteira entender-se com os conspiradores, pedindo á vista d'isso, energicamente, a sua condenação. O defensor pretendeu chamar as indulgencias dos jurados para todo o genero de crimes politicos, mostrando de seguida que com aquele aspeto miseravel fraco conspirador podia ser o seu cliente. Verberou o procedimento do ministerio publico de recusar dois jurados, ambos advogados, só porque eles não eram republicanos, pedindo a absolvição do réu, cujo aspeto infundia piedade.

Recolhido o juri, deu este por provado por maioria o crime de aliciamento sem intenção criminosa mas com culpa, sendo condenado em 20 mezes de prisão correccional, na multa de 200 réis diarios pelo mesmo tempo, sendo-



# As Joias do Sultão

lâmas a galeria Georges Petit tinha oferecido um tão maravilhoso aspeto como n'esses dias que precederam a venda em leilão, a favor do Estado otomano, das joias esplendidas do sultão Abdul-Hamid, que os Jovens turcos destronaram. Os diademas, os braceletes, os colares, as guarnições de vestidos e de cabelos, os brincos, as pedras soltas, algumas de tamanho descomunal, cintilando com todas as côres do espectro, refulgindo na pureza das gemas mais preciosas, obras-primas de cinzelagem e de esmalte, tesouros como esses que só costumam vêr os nossos olhos de creanças quando nos contam as maravilhas dos palácios das fadas, tudo isso viu a multidão anciosa e deslumbrada. Mas, para os que d'entre essa multidão conheciam, tal como os cronistas nol-a contam, a historia intima d'esse imperante destronado, a exposição redobrava de interesse. Aquelas eram as joias com que Abdul-Hamid ornava os colos nús das suas favoritas, para lh'os arrancar mais



1—Abdul-Hamid II, o sultão destronado da Turquia

2—O colar das favoritas de brilhantes rosas e enormes esmeraldas, vendido por 1.650.000 fraucos



tarde, quando o seu capricho de devasso se saciava; n'aquelles, zarfos maravilhosos cabiam as minusculas taças onde o sultão servia aos seus convivas, consoante as disposições do seu espirito, ora o café precioso, ora o veneno implacavel; as pedras soltas que os nossos olhos viam—brilhantes, rosas, rubis, esmeraldas, perolas, turquezas—eram aquelas em que o despota mergulhava com volupia os dedos inquietos, emquanto o seu espirito delirava na ideação d'alguma nova orgia.

No cenario de conto das *Mil e uma noites*, que o brilho d'essas joias sem par iluminava, no cerebro d'esse louco coroado gravam-se as idéas rubras dos crimes mais abominaveis que podem sonhar, desvairados, a luxuria e o sadismo humanos. Foi fitando ta'vez aquele rubi

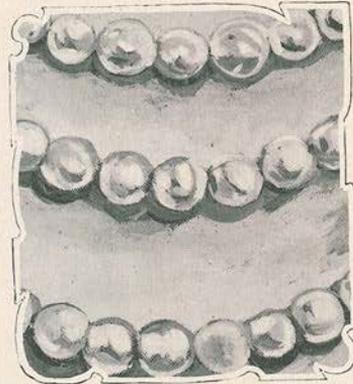
enorme que ele ordenou um massacre; foi porventura acariciando entre as mãos tremulas a superficie macia e branca d'aquella perola, que ele decidiu um sacrificio de carne moça e pura no altar feerico das suas saturnaes de vicio e sangue e de loucura; foi por certo ao vêr aquela esmeralda cabuxão mordendo um colo branco que ele o fez apunhalar...

O sultão tinha tanto a paixão das pedrarias como a do sangue. Havia dentro d'ele o amor do crime e da riqueza. Tudo revela em Abdul-Hamid II doentias tendencias. A literatura que ele preferia era a judiciaria; o seu heroe querido era Vidocq e foi encontrar-se na sua biblioteca o *Cadastro 113* de Gaboriau, encadernado em rubis e esmeraldas. Nunca o mais celebre dos escritores obteve para uma obra tanta honra e

tanta riqueza, mas tambem nunca um homem se definiu tão bem: o romance do crime n'um envolverço fiascante de rubis, esmeraldas e brilhantes.

Tem varios capitulos a historia sinistra d'este soberano que a revolução triunfante apenas enclausurou.

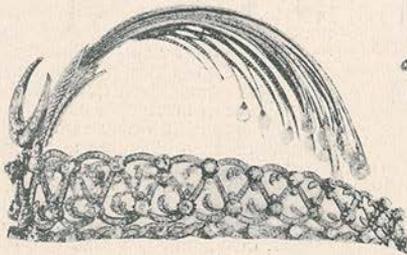
Assim como a sua alma é negra, assim o seu tesouro era brilhante a evocar os kalifas das riquezas sem par, as chuvas d'oiro com que as fadas presenteiam as felizes mortaes suas afillhadas. E tudo isto, feito para a beleza, estava nas mãos sangrentas do sultão vermelho.



1—O colar de brilhantes vendido por 750.000 francos  
2—Tamanho natural das perolas do colar vendido por 920.000 francos

Como criminoso receava tambem ser vítima d'um crime e então por todos os processos ordenava a espionagem em varias sociedades, servindo-se para isso quasi sempre de mulheres encantadoras que levavam os amantes a revelações. Depois, emquanto ele mergulhava as mãos no tesouro imperial, deslumbrava a pupila com

Mas—para que negal-o? — a contemplação de tamanho esplendor desmoralisamos. E se, durante meia hora nos recolhemos dentro de nós mesmos, com os olhos cravados n'esse espetaculo sem par, ao sair do perturbador enlevo, não resistiremos a este pensamento abominavel:—que, dentro de cada um de nós existe um Ab-



1—O diadema da Sultana, em brilhantes, rosas e safiras, vendido por 600.000 francos  
2—O adereço pequeno de esmeraldas vendidos por 400.000 francos

as cintilações do ouro e das pedrarias, os desgraçados iam para o fundo das prisões onde eram torturados, deiciando-se em ouvir o que eles tinham sofrido.

N'aquelle homem havia o carater sinistro de Filipe II de Hespanha; Ylzi Kiosque toi de qualquer fórma como o misterioso Escorial.

dul-Hamid embryonario que só se não desenvolve porque lhe não dão um imperio, nem um harem, nem um alfange, nem uns eunucos, nem um tesouro do qual só uma das peças rendeu, no primeiro dia da venda, perto d'um milhão.

# O Brasil Moderno

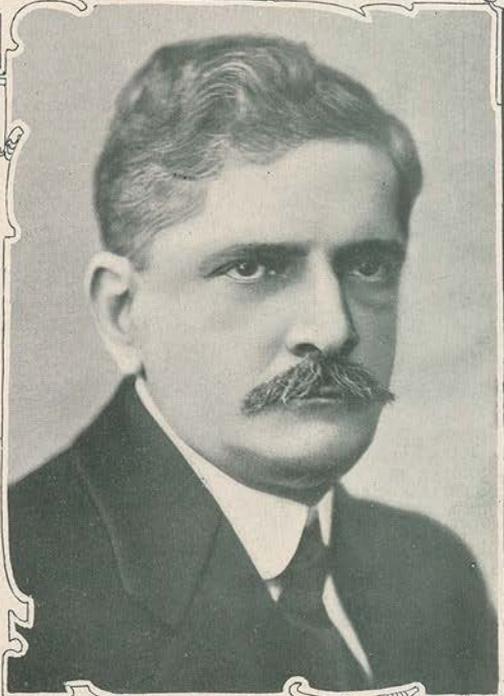
A BIBLIOTHECA NACIONAL  
DO RIO DE JANEIRO

**A** Biblioteca Nacional, instalada no seu suntuoso palácio da Avenida Central, é uma das mais admiráveis instituições do Brazil.

Iniciada com o precioso contingente trazido pelo Príncipe D. João quando abandonou Portugal em 1807, essa biblioteca já creada rica, não cessou de crescer e se opulentar.

Sua primeira séde no Brazil foi uma ala, escura e acanhada, do Convento do Carmo. Ali se arrumaram os livros transportados de Lisboa e que ali haviam constituído a Real Biblioteca da Ajuda, que D. José I organisara para substituir a que o fogo, conseqüente ao terremoto, destruiu em 1755, e mais a numerosa e rica livraria que pacientemente reunira o douto abade de Santo Adriaõ de Sevér, Diogo Barbosa Machado, e generosamente ofertára a D. José. Fôra essa uma dadiva verdadeiramente real pois que essa livraria se compunha de 4301 obras em 5764 volumes de incalculavel valor bibliografico.

Desde cedo o primitivo local da biblioteca do Rio de Janeiro se tornou pequeno para o



1—O dr. Manuel Cicero  
Peregrino da Silva,  
diretor da Biblioteca do Rio  
de Janeiro

2—A fachada principal  
da Biblioteca na Avenida  
Central



já contava mais de 60 mil volumes. Novas aquisições foram sendo feitas, valiosos legados foram sendo deixados ao instituto, cujas proporções exigiram predio mais amplo. Adquiriu então o governo em 1858 para instalar a Biblioteca o grande predio em frente do Passeio Publico e onde permaneceu por longos anos, até a mudança definitiva para o edificio para ela especialmente construido na Avenida Central, na casa nova, vasto predio que, se bem houvesse sido construido para habitação particular, possuia muitos e amplos salões, pouda a opulenta livraria receber arrumação conveniente e desenvolver-se de acordo com o progresso in-



precioso conteúdo. Em 1812 foi ella mudada para o velho casarão da rua dos Ourives, hoje destruido, que era então o recolhimento de N. S. do Parto. Removidos os doentes ali se deu a c o m o dação conveniente á vasta livraria, que, em 1814



de z e m b r o de 1895, segundo o relatório do respectivo diretor foi o seguinte: Impressos — 231.132 volumes.

Manuscritos: — Documentos biograficos historicos avulsos 23156; documentos historicos avulsos 23519; codices encadernados 1897 em 2073 volu-



1—«A Imaginação» pintura decorativa de Modesto Brocos  
2—«A observação» pintura decorativa de Modesto Brocos  
3—Vista de conjunto do salão principal de leitura  
4—«A reflexão» pintura decorativa de Rodolfo Amoedo  
5—«A memoria» pintura decorativa de Rodolfo Amoedo

telectual do paiz. Em 1888, sob a administração do sr. Saldanha da Gama procedeu-se a um rigoroso inventario pelo qual se apurou a existencia de 170.631 volumes impressos, 1455 mapas geograficos em 1895 folhas, além de riquissima coleção de manuscritos e mais de 100 mil estampas.

O seu desenvolvimento foi sempre crescente assim que o fundo da Biblioteca achado em



1—A fachada posterior.  
2—A escadaria do vestíbulo principal

a pedra fundamental do edifício já a Biblioteca em seu novo palácio inaugurado solenemente em 20 de outubro de 1910, sendo que desde quasi um ano antes já estava aberta ao publico.

Em 31 de dezembro de 1910 o ativo da Biblioteca era o seguinte:

Volumes impressos 300.547. Documento manuscrito 561.594. Cartas geograficas 5.990. Estampas 131.046. Moedas e me-

mes, contendo 115.513 documentos; moedas e medalhas 22.863.

Era desde muito, porém, aspiração dos diretores d'essa instituição dotar-a de um edificio proprio e condigno das riquezas ali acumuladas. Coube ao actual diretor o dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva a gloria de vêr realizado sob sua fecunda administração o grato acontecimento. Em 1904, iniciadas as extraordinarias obras de transformação do Rio de Janeiro, sob o governo do sr. Rodrigues Alves, já resolvida a construção do edificio da Biblioteca da Avenida Central, encomendando-se o projeto ao illustre general F. Sousa Aguiar, que é um distinto

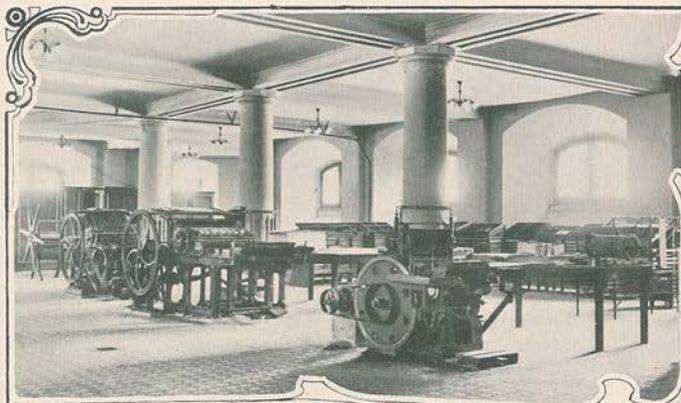


3—Um aspecto do grande salão de leitura  
4—Outro aspecto do salão de leitura, abrangendo a galeria circular

arquiteto. A ele já devia o Brazil o belo pavilhão da Exposição de S. Luiz, de que é reprodução o Palacio Monroe, uma das joias arquitetonicas da cidade.

Lançada no dia 15 de agosto de 1905





esmaltado. Póde comportar um milhão de volumes e realmente o precioso acervo é todos os dias crescendo.

Ainda recentemente recebeu a Biblioteca dois presentes reaes: uma rica livraria do finado diplomata Ferreira da Costa, constando de mais de 8000 volumes, especialmente referentes a belas artes; outra a famosa biblioteca brasileira do dr. José Carlos Rodrigues adquirida pe'o opulento industrial dr. Julio Benedito Atoni para ofertar a Biblioteca. A preciosa livraria do dr. Rodrigues consta de mais de 12 mil numeros e compreende manuscritosrd e muito valor, impestos, dos quaes muitos de extrema raridade, cartas geograficas, estampas e retratos, tudo referente ao



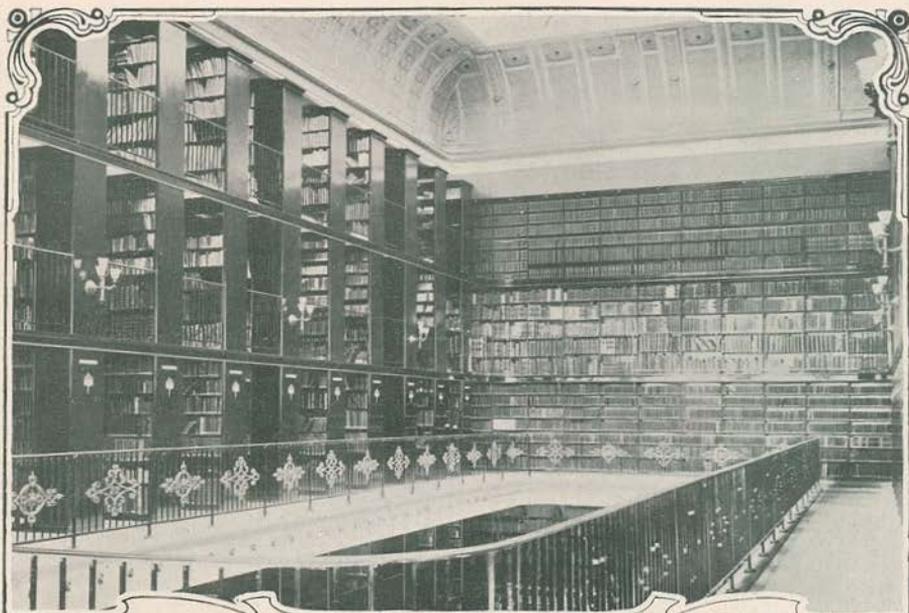
dalhas 27.958. Como edificio e instalação a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é das primeiras do mundo. O palacio ao par de uma grandiosa apparencia, bela e sobria, é dotado de todos os melhoramentos mais aperfeçoados nos estabelecimentos do genero.

Construido de cimento e ferro, toda a sua mobilia é de aço



1 — As oficinas graficas 2—As oficinas de encadernação e restauração e de cursos  
3—A sala do curso de biblioteconomia 4—O dr. Rodrigues Octavio

Brazil, proxima ou remotamente. O atual diretor da Biblioteca o dr. Manuel Cicero foi nomeado em 1895, sendo trazido da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife pelo ministro do Interior Epitacio Pessoa, que fôra seu condiscipulo



1, 2 e 3—As arrecadações dos livros

e lhe conhecia os meritos. E foi realmente um grande serviço que prestou á nação o illustre ministro. O dr. Manuel Cicero é um funcionario modelar. Modesto,



preocupado, sem espalhafato, com o seu serviço, ele vae com calma porrem resolutamente revisando o seu programa de engrandecimento da



1—A sala de leitura dos manuscritos

Biblioteca cuja direção lhe foi confiada.

Inteligente, ele sabe dar ao seu trabalho uma orientação conveniente; culto e estudioso ele tem todos os elementos para fazer o melhor.

Nascido no Recife, em 1866 o dr. Manuel Cicero formou-se em Direito em 1885, recebendo o grau de doutor por força de um concurso que fez para professor na Faculdade da sua cidade natal e no qual foi aprovado.

Muito ha ainda a esperar da sua competencia e disposição para o trabalho. Com o novo regulamento que acaba de ser dado á biblioteca serviços novos foram creados, por inspiração do dr. Manuel Cicero, e ele melhor do que ninguem está apto para presidir ao desenvolvimento, a que sob os novos moldes, pôde chegar a biblioteca do Rio de Janeiro.

Desde já estamos prevendo o



2—Um dos depositos de manuscritos

que será esse instituto em um futuro muito proximo e por esse sucesso desde já adiantamos os nossos cumprimentos ao seu illustre diretor geral.

*Dr. Rodrigo Otavio,*

(Da Academia Brasileira de Letras)



3—A sala de consulta de estampas e cartas geográficas

4—O deposito de publicações officaes

Fez segundo concurso, e hoje certamente fariá parte da Congregação d'aquêle afamado instituto de ensino se o governo não o houvesse chamado a outras funções.

Grande e proveitosa já tem sido a sua ação, firme e consciante, na direção da preciosa biblioteca.



# FIGURAS E FACTOS

**O novo governador de S. Tomé.** Mariano Martins, actual governador de S. Tomé, tem trinta



O 1.º tenente sr. Mariano Martins, actual governador de S. Tomé (Fot. Alemã)

anos. Foi um dos mais distintos alunos do Instituto Industrial onde fez o curso superior do commercio, entrando depois para a Escola Naval a seguir a carreira de official da administração naval.

Nos dias da revolução foi dos mais devotados combatentes e os seus colegas no movimento enviaram-no como plenipotenciario dos revolucionarios ao quartel general do Rocio a propôr a rendição das

forças fieis á monarchia do que brilhantemente se desempenhou.



**Pablo Iglesias em Lisboa.** Uma das sessões mais interessantes a que assistiu o ilustre socialista hespanhol Pablo Iglesias foi a realisada no Centro Democratico que os seus compatriotas instalaram em Lisboa.

O chefe socialista falou da educação racionalista e da solidariedade que devem manter os povos entre si fazendo tambem a apologia da associação



O sr. Pablo Iglesias no Centro Escolar Democratico Hespanhol

que salva o operario de frequentar os maus logares.

Passando em revista toda a grandeza do ideal socialista, tratou da hygiene, dos bairros operarios que será necessario cada vez mais desenvolver n'uma larga aspiração d'uma vida mais comoda para os trabalhadores.

Pablo Iglesias saiu de Lisboa em 5 de dezembro tendo na seu despedida manifestações dos socialistas portugueses tão entusiasticas como as recebidas ao chegar á capital.

**Maximiliano d'Azevedo.**—Falleceu em 4 de dezembro este ilustre escritor dramatico. Era uma curiosa figura do nosso meio literario onde afirmava a mais vi-



1—Maximiliano de Azevedo (Fot. Miaget)  
2—O enterro do coronel Maximiliano d'Azevedo

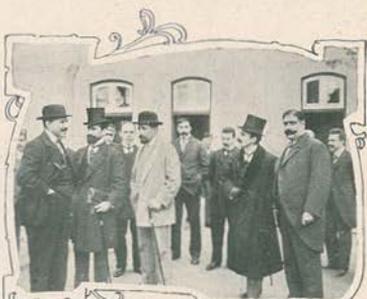
va paixão pelo teatro. Deixou peças que se celebraram, sobretudo nos meios populares, como o *29 Honra ou Gloria*, drama do meio militar que teve muitissimas representações. O escritor era coronel d'artilharia 1, exercera o cargo de commissario junto ao teatro normal e ajudára Latino Coelho na copilação de documentos para a *Historia Militar de Portugal* ficando sempre um investigador cuidadoso como se comprova com os estudos, que deixou inéditos, sobre Gomes Freire.



O juiz sr. dr. Meyreles Leite recebeu a homenagem d'um grupo de amigos e delegados de varias agremiações democraticas n'um jantar que lhe foi oferecido em 3 de dezembro, sendo presenteado com uma caneta de prata artisticamente trabalhada e com uma pasta na qual se encerrava a mensagem onde os membros da comissão promotora da festa lhe manifestaram, com os assistentes, toda a simpatia que lhes merece como magistrado, cidadão e chefe de familia.



O sr. Meyreles Leite e a comissão organisadora do banquete que lhe foi oferecido por um grupo de amigos



1—O sr. ministro da justiça na sua visita á Tutoria Central de Lisboa  
2—As creanças vagabundas albergadas na Tutoria

**Visita do sr. ministro da justiça á Tutoria Central de Lisboa.** — A Tutoria é uma instituição de caridade onde se recolhem os pequenitos vadios ou sem família, afim de se lhes dar educação, aptando-os para varios misteres. Esse estabelecimento está instalado no antigo Asylo de S. Crispim e foi visitado em 4 de dezembro pelo novo ministro da justiça sr. dr. Antonio Macieira.

**Visconde de Moraes.** — O sr. visconde de Moraes é um dos mais conhecidos capitalistas do Brazil. Tem uma grande fortuna, é um homem essencialmente empreendedor, tallado á maneira dos fortes trabalhadores da America. E é o produto das suas ações: a sua fortuna, a alta consideração, o prestigio quasi excepcional de que goza na sociedade brasileira, conquistou-os *pari passu* em fartos anos laboriosos.



O sr. visconde de Moraes

Mas ha ainda uma razão mais forte para explicar tal consideração e tal prestigio: é que o Brazil, ou melhor um dos seus estados, o Estado do Rio, deve ao sr. visconde de Moraes relevantes e assinalados serviços. Foi durante muitos anos o presidente da Companhia Cantareira e Viação Fluminense, que se encarregara de prover ás communicações ent e a Capital Federal e a fronteira cidade de Nitheroy, atravez da formosa bahia de Guanabara, bem como da viação urbana d'esta ultima cidade.



A comissão de propaganda republicana do distrito de Bragança srs. tenente Sá, Antonio Julio Ribeiro e Ventura Abrantes (Cliche da Photographia Elétrica)



A sessão inaugural do Centro Republicano Democrático no Coliseu dos Recreios (Cliches Benolle)

# Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Mbergaria-a-Velha). Installadas para uma produçáo annual de sei. milhões de kilos de papel e dispoñdo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressáo e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaçáo especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicaçáo periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriprios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276 -

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Enaereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telephonic: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

CAPITAL	
Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação..	266.400\$000
Réis..	950.310\$000

**Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Madrianaia e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Mbergaria-a-Velha). Installadas para uma produçáo annual de sei. milhões de kilos de papel e dispoñdo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressáo e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaçáo especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicaçáo periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriprios e depositos:*

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes  
TOSSES  
BRONCHITES  
São radicalmente CURADAS  
PELA

## SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá  
PULMÕES ROBUSTOS  
e previne contra a  
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.

L. PAUTAUBERGE  
COUREVOIE - PARIS  
e em todas as Pharmacias.

## COMPREM AS Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas novidades em preto branco ou côr.

**Duchesse, Voile, Setim fle-xível, Taffetas, Crêpe de Chine, Eoffenne, Côtelé, Mous-seline,** largura 130 cm. a partir de 1 fr. 25 e. o metro. **Veludo e Pe-luche** para vestidos, blusas etc. assim como **blusas e vestidos bordados** em batiste, li, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

**Schweizer & C<sup>o</sup>**  
Lucerne e 11 (Suissa)  
Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

## O passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE  
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

## BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em valcinos. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicaçáo praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta catlogoria a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 4500 rs., 2500 e 5000 rs.

## Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

FAZEM-SE NAS

### OFFICINAS

DA

## Illustração Portugueza

Postas á disposiçáo do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexc-dível perfeiçáo

### Zincogravura

### e Photogravura

Em zinco simples de 1.<sup>a</sup> qualidade, cobreado ou niquelado

Em cobre.

A côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas especies para este genero de trabalhos.

### Stereotypia

De toda a especie de composiçáo

### Impressão

### e composiçáo

De revístas, illustraçáo e jornaes diários da tarde ou da noite

OFFICINAS  
DA

## Illustração Portugueza

R. DO SEculo.  
43

**CACAUS E CHOCOLATES**  
DA  
**Nutricia**



São incontestavelmente  
produtos incomparáveis  
no seu genero

O CACAU COM AVEIA NUTRICIA é o mais saboroso e mais barato — Caixa de 27 cubos 350.

O CACAU E CHOCOLATE LAHMAN com saes nutritivos devem dar-se a todos os linfaticos, escrofulosos e raquiticos, creanças fracas, convalescença das doenças agudas e periodos de crescimento.

Estes productos teem

**FAMA MUNDIAL**

A continua expansão da

**NUTRICIA DE LISBOA**

que se estende como uma rede por todo o paiz é uma prova das enormes vantagens que oferece o uso dos seus

**alimentos higienicos e dieteticos**

especies para regimens de creanças, doentes e pessoas em saude.

**UNICA CASA DO PAIZ**

**229, Rua Augusta, 231**

**LISBOA**

PARA ENCADERNAR

**Ilustração**  
**Portuguesa**

Estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO** da «Ilustração Portuguesa».

Desenho novo de optimo effeito

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vaee acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

**ADMINISTRAÇÃO DO "SECULO"**

**43, Rua do Seculo, 43**

**LISBOA**